

Infância roubada: O fatídico nove

Carolina Fontana da Silva*

Dois mil e quinze. Um ano de grandes realizações – até então. Há um tempo, a família organizava-se para reformar alguns cômodos de sua casa. Empréstimos daqui e economias de outro lado: tudo pronto para as obras!

- Meu irmão está pensando em vir morar na nossa cidade, ele é pedreiro, seria uma oportunidade para ele, o que acham? – Disse o pai.

- Perfeito! E se apresentássemos ele para a nossa amiga? – Disse a mãe.

E o plano foi articulado: chamariam o tio para que fizesse os ajustes necessários na casa: construiria uma nova cozinha e uma garagem e, por fim, acrescentaria uma churrasqueira no pátio, junto de uma área coberta. Enquanto o tio não encontrasse um lugar para ficar, dariam abrigo para ele, arrumariam algum cantinho para que ficasse junto da família. Logo estaria estabelecido na cidade.

Não demorou muito tempo e apresentaram-no à amiga, os dois saíram e começaram a namorar. Pouco tempo depois, decidiram morar junto. A obra na casa já estava concluída.

Tudo dentro do previsto.

Bom, com exceção de que, nesse período, um dinheiro guardado no roupeiro do casal e outro na casa dos avós haviam sido furtados. Suspeitas são apenas suspeitas, pensaram eles: - Deixemos assim.

Aproximava-se o mês do aniversário da caçula da família. A pequena, com a delicadeza de uma flor, iria completar suas nove primaveras. Sempre decidida e certa de si:

* Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria.
E-mail: carolinafontana.s@gmail.com

- Como vou ir para a escola com a blusa do pijama embaixo da blusa de lã? E se fizer calor? E se eu precisar tirar a blusa de lã? – Disse ela quando tinha apenas seis anos. Quem vai de pijama para a escola, não é mesmo?

Era um ano de grandes realizações. E a felicidade era tanta que o aniversário foi planejado nos mínimos detalhes:

- Vamos alugar um salão...

- E uma piscina de bolinhas! Também quero convidar minhas amigas da escola!

- Então, vou procurar uma decoração bem linda!

E assim a festa de aniversário foi tomando forma, com toda a atenção que merecia. E foi linda! Da maneira como planejaram. Presentes, brincadeiras, cores e muito afeto.

Cinco dias depois da festa, numa terça-feira pela manhã, a mãe, no seu trabalho, recebeu um telefonema:

- Mãe, o tio veio aqui e fez uma brincadeira que eu não gostei, ele disse que vem amanhã me acordar, mas eu não quero. Por isso, não consegui terminar as atividades de matemática, desculpa.

A mãe, após uma pausa, respondeu que estava indo para casa almoçar. Ela nunca almoçava em casa. Mas um temor e o sentimento de que algo horrível havia acontecido fez com que ela fosse correndo para casa: a *pequena flor* estava em perigo.

Com a voz tranquila, a mãe acalmou a filha à distância. Com o coração agitado e com um medo absurdo, mas tomada de uma coragem que desconhecia, retornou para a casa.

Perto do meio-dia, uma das irmãs da pequena, ao entrar na rua onde moravam, viu a mãe abrindo o portão e estranhou. Chegou em casa e entrou direto em seu quarto.

Logo depois que chegou e conversou com a *pequena flor*, a mãe foi atrás da irmã mais velha e, fechando a porta, com o olhar em pânico e a voz em um sussurro, disse-lhe:

- Tua irmã foi abusada.

A irmã, num grito que ardia a garganta e sem entender nada, tomada de um temor quase que paralisador, disse: - COMO ASSIM?

A mãe, ainda sussurrando, pediu que não gritasse e contou tudo que a *pequena flor* havia contado, detalhe por detalhe, passo por passo. O tio tocara-lhe onde não deveria.

- Machucou, mãe. - Disse a pequena para sua mãe.

(Criminoso! Nojento! Monstro!)

A mãe, com uma calma que a tomou por inteiro, buscando tranquilizá-la, falou:

- Essa brincadeira é feita apenas entre adultos, e não com crianças. Ele não podia ter feito isso.

A ideia era tentar amenizar a situação, e não a deixar mais assustada do que já estava.

A irmã mais velha estava em estado de choque e só sabia dizer uma coisa:

- Precisamos denunciá-lo.

E, no meio do caos, era necessário ponderar sobre o que fazer. A denúncia foi feita. Descobriram que já havia registro e denúncias no nome do sujeito. Outras crianças. Outras infâncias. Denúncias arquivadas.

Alguns amigos próximos não acreditaram na versão da pequena. Familiares ficaram confusos. - Não seria exagero de uma criança com a mente criativa? Diziam alguns.

- Ela estava tocando-se quando cheguei. - Disse o abusador, buscando por justificativas (descabidas) para o ato violento.

Delegacia da mulher:

- Vamos, menina, conte como ocorreu o estupro.

Assim, sem preparação alguma, queriam que ela repetisse todo o ocorrido. Pânico. Medo. Choro: não quero mais falar!

- Vamos, tire toda a sua roupa! - Disse o médico urologista. Não, não tinha pediatra e nem ginecologista para examiná-la. Com a menina

aos prantos, a mãe resolveu retirar-se do local. - E o exame de corpo de delito?

Delegacia da mulher? Respeito aos direitos da criança? Não. Aqui é a lei do mais forte. Numa sociedade machista e patriarcal, venceu a lei do homem.

Violência.

A denúncia foi feita com o material que se tinha.

O colorido da primavera tornou-se preto e branco. O dia nublou. O sol estava lá fora, mas dentro apenas chuva e trovões.

E a *pequena flor*? Murchou.

Na semana seguinte, passou a fazer acompanhamento com a psicóloga. As roupas mudaram. A vaidade perdeu-se. O brilho, por um tempo, estava mais fraco. E, então, veio o bloqueio. Não se fala mais sobre. Não se quer mais tocar nesse assunto!

Brincadeiras ficaram escassas. Passou a cobrir todo o corpo com roupas longas e largas: - Não quero mais usar nada curto, mãe.

O toque que roubou a infância.

As descobertas não pararam por aí: as irmãs mais velhas, que não moravam na mesma cidade, confirmaram:

- Nós também fomos estupradas!

O pai ficou em estado de choque. O olhar ficou vago e vazio: - Meu irmão! Por semanas ele sentava no sofá, olhava para um ponto fixo da parede e assim ficava por horas. Como processar todas as informações?

- O que eu fiz para ele, se não ajudar? Por que as minhas filhas? Por quê?

Os anos passaram. A mãe e o pai da *pequena flor* já não moravam mais juntos. Aos 12 anos chegou a intimação: - Você precisa depor!

Como tocar nesse assunto depois de tantos anos? - É o correto a ser feito, vamos em frente.

A *pequena flor*, com toda a sua magnitude, depois de uma longa conversa com a mãe e de revelar detalhes que até então não havia contado, disse:

- Eu vou depor. Assim eu ajudo outras meninas a não passarem por isso. Eu preciso depor.

Forte. Majestosa!

Chegou o dia da audiência. O depoimento dela seria feito de maneira especial, em uma sala isolada. Mas, para a surpresa de todos, a assistente social disse-lhe:

- Vamos gravar teu depoimento. O réu encontra-se na sala ao lado e assistirá a tudo em tempo real. A gravação será transmitida.

Assim, sem nenhum preparo prévio. Sem conversar com os responsáveis.

A *pequena flor*, mais uma vez, murchou. Saiu da sala trêmula, pálida e aos prantos.

- Não, mãe, não vou depor. Ele tá aqui! Não me toca. Eu não quero! Quando eu tiver 30 anos ou mais... Hoje não, mãe. Por favor.

E assim foi feito. Não haverá e nem houve depoimento por parte da *pequena flor*.

Hoje, seis anos após o fatídico nove, a *pequena flor*, tímida e da sua maneira, segue majestosa. Aos 15 anos, luta por pautas feministas. Posiciona-se e defende a mulher em qualquer que seja a situação: - Ela usa a roupa que quiser! O corpo é dela!

Demonstra, na força e na luta, que a dor transformou-se em combustível.

Não se engane, cara leitora e leitor, essa não é a regra. Nem todas as crianças, nem todas as mulheres encaram a tragédia da mesma forma. A *pequena flor* teve o amparo da família e de profissionais. Nem todas as crianças têm a mesma oportunidade.

Nem todas as infâncias são felizes. Nem todas as crianças são protegidas. Não há mágica para todas, nem imaginação que seja suficiente. Não há o brincar livre. Não há proteção eficiente.

A culpa ainda faz morada nos corações dos familiares. A *pequena flor*, mesmo forte, tem seus medos e os pesadelos que a visitam quando o dia adormece. Pequenos gatilhos cotidianos são acionados sem nem perceber: a dificuldade com a matemática ou estar sozinha na rua. O trauma não irá abandoná-la como uma cura milagrosa. Ela apenas aprendeu a conviver com ele.

E o julgamento? Segue em andamento.

E a impunidade? Segue firme.

O abusador? Segue livre.

O nosso papel? Bom, cabe-nos lutar, dia a dia, para que a realidade mude.

Acolhemos, sempre, todas as infâncias que chegarem até nós. Não existem rótulos que definam o ser criança, nem tampouco manuais ou receitas. As experiências são múltiplas e carregadas de significados grandiosos. O olhar que se perde, o corpo que se fecha, a dor guardada, as brincadeiras escassas ou os desenhos que contam histórias sem um final feliz.

A infância deve ser vivida, e não roubada.

Nota ao leitor

Fernanda Theresinha Pedroso Padilha
Nidiele Dornelles Silveira
Patrícia Medianeira Barrozo

A crônica acima irradia aos corações de quem lê a sensibilidade com que a autora aborda um episódio comum a muitas crianças, em tempos tão carregados de significados. No que concerne à violência sexual, a maioria dos casos ocorre no âmbito familiar e muitos não chegam a ser denunciados, o que nos remete a outras situações, como a importância do papel do Estado, enquanto garantidor de

direitos, devendo colocá-las a salvo de qualquer forma de negligência ou crueldade.

Com a aplicabilidade das leis de proteção às crianças e adolescentes, pode-se refletir com maior responsabilidade sobre os meios de ampará-los e protegê-los de maneira segura e eficaz, atuando através dos meios institucionais, auxiliando na prevenção, melhorando as ações efetivas de atendimento e mitigando a falha dos procedimentos jurisdicionais remetidos a cada órgão competente.

É preciso, urgentemente, acabar com as lacunas existentes nos atos burocráticos de atendimentos e acolhimento às crianças vítimas de violência sexual, bloqueando os comportamentos que silenciam ou dificultam a punição.

Com isso, quase como um grito de socorro, a autora, em sua crônica, busca sensibilizar e mobilizar a sociedade a participar da luta em defesa dos direitos das crianças e adolescentes, a fim de conduzir a compreensão e dimensionamento desse problema.